

Trabalho de Conclusão de Curso (2021)

COMPETÊNCIAS E INTENÇÕES EMPREENDEDORAS: UM ESTUDO ACERCA DA PERCEPÇÃO DOS DISCENTES DE UNIVERSIDADES PÚBLICAS NA PANDEMIA DO COVID-19

Camila Karen Alves Pedrosa¹, Jane Elly Nunes da Costa Lima²

RESUMO

Esta pesquisa buscou analisar a percepção dos discentes do curso de ciências contábeis em relação as competências e intenções empreendedoras e o papel das universidades públicas em um cenário pandêmico. Classifica-se como um estudo quali-quantitativo e foi realizado a partir da aplicação de um questionário on-line com alunos do curso de Ciências Contábeis de universidades públicas em 2021 por meio do *Google Forms*, tendo o total de 84 respondentes. Dentre os resultados, observou-se que 15,70% já empreendem (empreendedores), 63% pensam em empreender no futuro (potenciais empreendedores) e 9,60% dos alunos não têm a intenção de abrir um negócio (não empreendedores). Foi identificado um nível alto de alunos que desejam abrir seu próprio negócio e bem como, o interesse em continuar empreendendo por aqueles que já possuem seu negócio. Também foi evidenciando que todas as competências empreendedoras se correlacionam, dessa forma quem possui uma competência tem uma grande probabilidade de ter as outras. De acordo com a compreensão dos alunos, eles estão mais preparados para trabalhar em equipe e identificar oportunidades de negócios. Eles consideram que a universidade tem um papel fundamental no desenvolvimento do seu perfil empreendedor, mas através dos dados concluiu-se que a graduação inspira os alunos, porém não os preparam para dar o primeiro passo. Do cenário pandêmico, foi possível analisar que os alunos que ficaram desempregados nesse período, mudaram sua percepção sobre o empreendedorismo, se interessaram e planejaram abrir um negócio como uma nova fonte de renda.

Palavras-chave: Empreendedorismo. Ciências contábeis. Competências Empreendedoras. Intenções empreendedoras. Pandemia

1 INTRODUÇÃO

As Instituições de Ensino Superior (IES) promovem educação através de pesquisa, ensino e extensão, tendo uma função social na geração de novos conhecimentos, introduzindo valores na sociedade que possam incentivar e desenvolver empreendedores por meio dos processos educacionais (OLIVEIRA; MELO; MUYLDER, 2016). O empreendedorismo tem papel fundamental no desenvolvimento econômico e social do mundo, contribuindo na geração de emprego e renda (SHANE; VENKATARAMAN, 2000; FREIRE; LUCENA, 2016).

¹ Bacharelado em Ciências Contábeis.

² Mestre em Administração e Controladoria.

A ação das universidades é de fundamental importância para fomentar o empreendedorismo no âmbito acadêmico, tendo em vista, que o desenvolvimento de competências empreendedoras nos estudantes contribui para o crescimento e desenvolvimento da sociedade em termos globais (CRESTANI, CARVALHO, CARRARO, 2019). As universidades devem apoiar a formação de pequenos empreendedores, desse modo deve trazer o convívio com a atividade, criando oportunidades para cursos nas áreas da engenharia, administração, economia e contabilidade, para apoiar esse tipo de iniciativa (MEC, 2016).

Em vista disso, os empreendedores precisam contar com ampla variedade de habilidades sociais, as quais envolvem um conjunto de competências que permitem aos indivíduos interagirem uns com os outros (NARDELLI, VILA BOAS, 2008). Para desenvolver e ampliar as competências empreendedoras dos indivíduos, é relevante o processo de aprendizagem, imprescindível para o desenvolvimento, constituindo-se uma evolução necessária da aquisição de competências (BITENCOURT, 2005; FREITAS, BRANDÃO, 2006).

Os empreendedores são comumente identificados em relação a características de inovação, reconhecimento de oportunidades etc. e, para compreender o empreendedorismo nesta acepção, deve-se entender como os empreendedores desenvolvem suas competências. Para isso, é necessário, também, compreender como ocorre o processo de aprendizagem empreendedora (ZAMPIER, TAKAHASHI, 2011).

Pesquisa realizada pelo Sebrae e pela Endeavor em 2018, indicam que quase seis em cada dez universitários pensam em abrir o próprio negócio. Apresentou-se também que, a maioria dos alunos não se preparam para empreender. Essa falta de prática pode ter impacto na confiança para realizar atividades típicas de um empreendedor, como contratar, gerir as finanças ou definir estratégias para um novo produto (SEBRAE; ENDEAVOR, 2018). Nas últimas décadas, o empreendedorismo se tornou um campo de pesquisa muito ativo e engloba várias áreas do conhecimento (CUALHETA; ABBAD; FAIAD; JUNIOR, 2020). Segundo o Global Entrepreneurship Monitor (GEM) 2008 (2009), a população brasileira é classificada como uma das mais empreendedoras do mundo, ocupando o 13º lugar no total de 43 países analisados.

O empreendedorismo é um dos raros assuntos que atrai especialistas de diferentes disciplinas, levando-os a discutir e observar o que é feito nas outras disciplinas com relação a esse tema. Economistas como Cantillon, Adam Smith e Schumpeter foram os precursores no estudo do empreendedorismo e destacaram o empreendedor para o desenvolvimento econômico da sociedade, voltando-se para os resultados e o impacto dos mesmos no sistema econômico (FILION; COUTINHO, 1999).

Para ocorrer o empreendedorismo, o indivíduo tem que intencionar empreender, e essa intenção é formada a partir de motivações e competências. Visto isso, a percepção da relevância do empreendedorismo no desenvolvimento econômico e social provoca o surgimento de pesquisas sobre o assunto (CUALHETA; ABBAD; FAIAD JUNIOR, 2020; CRESTANI; CARVALHO; CARRARO, 2019; NASSIF; AMARAL; PRANDO, 2012). Considerando o cenário de crise ocasionado pela pandemia da COVID-19 e seus impactos já evidenciados na economia mundial, existe uma lacuna de pesquisa acerca da influência da pandemia nas universidades e seu impacto na aprendizagem de competências empreendedoras (FERREIRA NETO; CAVALCANTE; CASTRO, 2020).

Considerando que os resultados de aprendizagem esperados do ensino de empreendedorismo são a aquisição de competências, busca-se identificar se a graduação

em ciências contábeis, pode desenvolver as competências necessárias para o empreendedor. Nessa perspectiva, esse cenário despertou o interesse em pesquisar sobre as mudanças comportamentais na pandemia, a intenção de empreender e o desenvolvimento de competências empreendedoras dos discentes. O papel do futuro profissional contábil deve ser estimulado pelas instituições de ensino, por isso foi selecionado os discentes de ciências contábeis para realização dessa pesquisa.

Desta forma, o presente estudo tem a seguinte questão norteadora: qual a percepção dos discentes do curso de ciências contábeis em relação ao empreendedorismo e o papel das universidades públicas em um cenário pandêmico? Para responde-la, esse estudo tem por objetivo analisar a percepção dos discentes do curso de ciências contábeis em relação às competências e intenções empreendedoras e o papel das universidades públicas em um cenário pandêmico.

Como objetivos específicos, busca-se analisar a percepção dos alunos do curso de ciências contábeis em relação às competências empreendedoras, identificar a intenção empreendedora dos alunos do curso de ciências contábeis, investigar o papel das universidades públicas no desenvolvimento de competências e identificar as mudanças de percepção dos discentes sobre o empreendedorismo na pandemia do covid-19.

Para tanto, foi realizada uma coleta de dados através de questionário on-line com alunos matriculados em universidades públicas do curso de ciências contábeis da cidade de Mossoró/RN, para evidenciar a influência da graduação nos seus comportamentos e desenvolvimento de competências para gerir um negócio.

Assim, torna-se pertinente uma abordagem construtivista, experiencial e situada dos conceitos de competência e aprendizagem empreendedora. Este estudo se torna relevante, porquê, as empresas são um dos fatores mais importantes para o progresso econômico e social de uma localidade ou região, sendo hoje em dia uma das principais soluções para o desemprego. Além disso, o presente trabalho traz contribuições para a academia, de modo que busca investigar o comportamento e percepção do universitário e agrega para a sociedade, pois busca investigar como o aluno está se preparando para o mercado de trabalho.

Desse modo, torna-se interessante investigar a figura do aluno como potencial empreendedor. Existe muito espaço para a expansão do tema no âmbito da pesquisa já que nenhuma iniciativa é abordada por mais da metade das instituições e tanto empreendedorismo quanto o empreendedor são temas de interesse crescente nos últimos anos, visto a importância da educação empreendedora na formação de empresas inovadoras e de alto crescimento (ENDEAVOR, 2014).

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 EMPREENDEDORISMO NAS UNIVERSIDADES

Os estudos acerca do empreendedorismo tiveram início no final dos anos 70. Esse interesse dos pesquisadores surgiu, principalmente, em decorrência das mudanças promovidas pela globalização e pelo avanço da tecnologia (SARKAR, 2010). Desse modo, as empresas precisaram se adaptar às mudanças e desenvolver produtos e serviços inovadores (TESTAS; MOREIRA, 2014).

Assim, temporalmente os autores estudaram e definiram o empreendedorismo sob diferentes óticas, desde o surgimento do termo há alguns séculos. Os economistas, por exemplo, têm associado empreendedores com inovação, enquanto os comportamentalistas

têm se concentrado nas características da criação e da intuição dos empreendedores (MARTINS; FREITAS, 2006).

O fenômeno socioeconômico do empreendedorismo representa uma fonte vital para o crescimento e competitividade econômica, pois, gera a criação de empregos e desperta interesses sociais, desencadeando esforços de acadêmicos, profissionais e representantes políticos objetivando promover a mentalidade empreendedora na sociedade, além de políticas públicas que planejem combater o desemprego e gerar crescimento econômico (ROCHA; FREITAS, 2014).

O ambiente favorável ao desenvolvimento de novos negócios através de políticas e programas adequados à realidade do empreendedor, da disseminação de cultura empreendedora, do apoio ao futuro empreendedor, tanto nos aspectos cultural, educacional e de disponibilidade de recursos financeiros e tecnológicos, entre outros, são fatores que facilitam o desenvolvimento do empreendedorismo em uma comunidade.

No Brasil, a preocupação com o empreendedorismo e com a criação de micro e pequenas empresas começou a partir do surgimento de entidades, como o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) e a Sociedade Brasileira para Exportação de Software (SOFTEX). Outros fatores de destaque promoveram a criação das primeiras incubadoras e o início do ensino de empreendedorismo nas universidades na década de 80, bem como programas de treinamento e capacitação para empreendedores, com ênfase na década de 90 (MARTINS; FREITAS, 2006).

A educação empreendedora tem sido alvo de instituições de ensino espalhadas pelo mundo, focadas em seus contextos regionais. Em regiões sem tradição empreendedora, as universidades enfrentam o desafio de iniciar esse processo, encontrar educadores experientes e reunir os recursos necessários para tal, em outras regiões a educação empreendedora é vista como ferramenta para estimular o desenvolvimento econômico, há também regiões onde a educação empreendedora é recente, em fase de experimentações, ao mesmo tempo, em que já existe uma rede global de educadores de empreendedorismo que permite compartilhar melhores práticas a respeito do tema (SEELIG, 2005).

Desse modo, as universidades já reconheceram o papel e o poder da educação empreendedora sobre a inovação e o desenvolvimento econômico do país. Um passo fundamental para formar empreendedores capacitados é aproximar as universidades do mercado, dos empreendedores e da comunidade. Isso fará com que as instituições desenvolvam ações que estejam mais alinhadas com a demanda dos universitários e do mercado (ENDEAVOR, SEBRAE, 2016).

Com essa visão, algumas inovações solicitadas pela área educacional visando estimular o empreendedorismo nas universidades, assim na década de 90, as Instituições de Ensino Superior (IES) brasileiras começaram a promover mudanças pedagógicas dos seus cursos. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) - Lei nº 9.394 de 1996, estabeleceu algumas medidas para orientar os cursos de graduação no Brasil e garantir a formação mínima de competências (BRASIL, 1997).

Com a implementação de projetos de extensão, surgiu no Brasil o conceito de Empresa Júnior (EJ), com o propósito de promover novas competências, além daquelas adquiridas na sala de aula e, também, aproximá-los do mercado de trabalho (BRASIL JÚNIOR, 2011). As empresas juniores atuam como associação civil, sem fins econômicos, constituída e gerida exclusivamente por alunos de graduação de estabelecimentos de ensino superior que presta serviços e desenvolve projetos para empresas, entidades e sociedade em geral, oferecendo aos alunos a possibilidade de ocuparem funções organizacionais análogas às que se dedicarão nas suas áreas de atuação profissional, trabalhando sob a orientação de professores ou profissionais de mercado. (CUNHA, 2011; ZILIOOTTO; BERTI, 2012).

A constatação da necessidade de formação de competências em graduando e o crescimento acentuado no número de EJs no país estimulam reflexões sobre como essas associações vêm se configurando junto à dinâmica das Instituições de Ensino Superior Brasileiras e como essas têm contribuído para a formação profissional de seus integrantes (JÚNIOR; ALMEIDA; MEDEIROS, 2014).

No que lhe concerne, Rocha e Freitas (2014) identificaram que o objetivo do ensino de empreendedorismo deve levar o aluno a entender o que é empreendedorismo, a desenvolver sua capacidade de ser criativo e inovar, descobrir oportunidades, planejar novos negócios, assumir riscos, tomar decisões, trabalhar em equipe, administrar o negócio e aprender com os erros.

2.2 COMPETÊNCIAS EMPREENDEDORAS

As características necessárias ao empreendedor de sucesso geram um questionamento relacionado ao seu desenvolvimento: se ele nasce com estas características ou se as aprende com o tempo. Para Mamede e Moreira (2005), as ações empreendedoras estão associadas às competências por representarem o senso de identificação de oportunidades, a capacidade de relacionamento em rede, as habilidades conceituais, a capacidade de gestão, a facilidade de leitura, o posicionamento em cenários conjunturais e o comprometimento com interesses individuais e da organização.

Essa junção de ações empreendedoras levou à criação do conceito de competência empreendedora, sendo definido como um conjunto de conhecimento, área, habilidade, qualidades pessoais, características, atitudes, visões, motivações e direcionamentos que, de diferentes formas, contribuem para o pensamento ou ação efetiva do negócio e viabilizam um indivíduo imprimir sua visão, estratégias e ações na criação de valor para a sociedade. (SNELL; LAU, 1994; ANTONELLO, 2005).

No tema de competência empreendedora, autores têm se preocupado em criar tipologias ou modelos que possibilitem a identificação, por parte dos pesquisadores, de conhecimentos, habilidades e atitudes, de competências necessárias ao desenvolvimento de suas atividades (ZAMPIER; TAKAHASHI, 2011).

Após revisão e adaptação do modelo de competências de McClelland (1972), Cooley (1990) definiu uma lista com dez competências empreendedoras, a saber: busca de oportunidade e iniciativa; persistência; comprometimento; exigência de qualidade e eficiência; assunção de riscos calculados; estabelecimento de metas; busca de informações; planejamento e monitoramento sistemáticos; persuasão e rede de contatos; independência e autoconfiança (COOLEY, 1990; MCCLELLAND, 1972).

A competitividade nas micros e pequenas empresas (MPE) é influenciada pelas competências do empreendedor (MAN, LAU, 2000). As competências empreendedoras foram divididas em 6 grandes áreas. Conforme se destaca no Quadro 1.

Quadro 1 – Áreas das competências empreendedoras

Tipo de Competência	Características	Autores que estudam o tema
Competências de oportunidade	Estão relacionadas à identificação, avaliação e capacidade de reconhecer e desenvolver oportunidades de negócios	CUALHETA, ABBAD, FAIAD e JUNIOR (2020).
Competências de relacionamento	Referem às capacidades do empreendedor de fazer contatos, comunicar-se, relacionar-se com pessoas e persuadi-las, que podem influenciar na definição do caminho a ser seguido em um determinado negócio	GRANOVETTER (1985)
Competências conceituais	Dizem respeito a capacidade e habilidade de avaliar situação de riscos que surgem, tomar de decisões e inovar, percebendo situações por ângulos diferentes e de forma positiva	DORNELAS (2007)
Competências administrativas	Refere-se a capacidade do empreendedor de planejar, organizar, comandar, motivar, delegar e controlar, enfim, de administrar o empreendimento e seus funcionários	MAN e LAU (2000)
Competências estratégicas	Vinculam-se à escolha, formulação, implementação e acompanhamento de estratégias para o negócio, nos quais os empreendedores visualizam panoramas de longo prazo e objetivos alcançáveis e realistas, além de elaborar estimativas de viabilidade financeira e de mecanismos de	MAN e LAU (2000)

	controle dos seus resultados	
Competências de comprometimento	Demandam a habilidade de manter a dedicação e persistência no negócio, principalmente em situações adversas, além de demonstrar a dedicação do empreendedor e do seu trabalho árduo, se envolvendo em tudo que ocorre na organização.	MAN e LAU (2000)

Fonte: Adaptado de Man e Lau (2000).

Um empreendedor deve estar apto a identificar os cenários favoráveis e visualizar os objetivos organizacionais, amparando o processo de decisão e atuando sobre os potenciais oportunidades de negócios por meio da sua avaliação, de modo a transformá-las em caminhos e situações positivas, necessários para a realização do negócio (FILION, 1999; PAIVA JR; LEÃO; MELO, 2003).

2.3 EMPREENDEDORISMO NO CONTEXTO DA PANDEMIA DA COVID-19

Em dezembro de 2019, a China informou à Organização Mundial da Saúde (OMS) sobre um surto de uma nova doença. Essa doença, transmitida pelo novo coronavírus, foi denominada COVID-19. Após um curto período do primeiro caso ter sido relatado, a COVID-19 se espalhou gradualmente por todo o país e pelo mundo. A OMS em março de 2020, declarou que a infecção por COVID-19 era considerada uma pandemia. Assim, já estava claro acerca da rápida capacidade de propagação da doença (FILHO, 2020; BEZERRA; SILVA; SOARES; SILVA, 2020; OPAS, 2020).

Devido a isso, medidas de controle e prevenção da doença foram tomadas por diversos países, que adotaram o isolamento e distanciamento social. Apesar da eficácia comprovada, essa medida foi um desafio para população mundial, pois, provocou modificações entre relações pessoais, formas de trabalho, técnicas de aprendizagem e comportamentos (ZANON *et al.*, 2020). Assim como estratégia de contenção da pandemia, no Brasil em várias cidades passaram a realizar o *lockdown*, com o decreto de isolamento, todas as escolas e universidades precisaram se adaptar para cumprir as obrigações do calendário acadêmico e prosseguir com a formação dos alunos (SALLES; GANDRA, 2020).

Com as mudanças na rotina dos indivíduos, o que era considerado normal foi se distanciando cada vez mais, levando a impactos psicológicos diante da perda de liberdade e do direito de ir e vir. Com isso, o conceito de resiliência mostrou-se relevante frente ao contexto da pandemia, principalmente no que tange à promoção da saúde. A definição de resiliência se entende como o conjunto de processos sociais e intrapsíquicos que possibilitam o desenvolvimento saudável do indivíduo, mesmo vivenciando experiências desfavoráveis (ZANON *et al.*, 2020; PESCE, *et al.*, 2005).

Se por um lado o trabalho remoto permitiu ou permite as empresas manterem suas atividades neste cenário de pandemia, há a necessidade de se pensar no trabalhador, em sua jornada de trabalho, nas novas relações entre hora extra e adicional noturno, estipulação de quantidade de serviços do ponto de vista legal e jurídico, mas, também, sobretudo, na qualidade de vida das pessoas envolvidas neste cenário desafiador. Infere-se que não se trata, agora, exclusivamente da condição do trabalho remoto, mas do fenômeno da pandemia como um potencial agente estressor alicerçado pelo isolamento social. Outra questão de interesse é considerar quais fatores são determinantes para a instalação de um possível quadro de estresse ocupacional, dado que as relações de trabalho ocorrem no âmbito da residência do colaborador (FERREIRA *et al.*, 2021).

2.4 ESTUDOS ANTERIORES RELACIONADOS COM O TEMA

Para se ter uma maior visibilidade sobre a realização desse estudo, realizou-se uma busca sobre outras pesquisas já realizadas sobre o tema, sobre competências empreendedoras de alunos universitários, mostrando quais foram os objetivos e resultados obtidos por outros pesquisadores, conforme Quadro 2.

Quadro 2: Estudos de trabalhos correlatos

Autores	Objetivo	Resultados
Zampier e Takahashi (2011)	Apresentar os modelos de análise do processo de aprendizagem empreendedora de Rae (2004) e de Politis (2005) e competências empreendedoras (MAN e LAU, 2000) por meio de um modelo conceitual de pesquisa.	Foi possível constatar que a aprendizagem experiencial representa um processo utilizado para a geração e desenvolvimento de competências empreendedoras, capacitando os empreendedores a lidar com as responsabilidades de um novo negócio.
Nassif, Amaral e Brando (2012)	Mapear as práticas de ensino e pesquisa que contribuem para estimular a formação de competências empreendedoras no contexto de IES brasileiras, à luz dos diretores, coordenadores e professores dos cursos.	Os dados empíricos analisados à luz da literatura científica evidenciam que há estímulos às competências acadêmicas. No que tange às competências acadêmicas, estas estão no escopo da própria formação, considerando os quesitos de cada área do conhecimento, sendo atribuída a significativa importância na formação dos discentes da instituição.
Rocha e Freitas (2014)	Analisar as diferenças no perfil empreendedor de estudantes que participaram de AEFE e estudantes que não participaram.	O perfil empreendedor de estudantes que participaram de AEFE apresentou alterações nas dimensões que o compõem em relação aos dos estudantes que não participaram. Foi possível perceber que algumas dimensões do perfil empreendedor sofreram maiores alterações que outras. Embora tenham sido apresentados métodos e técnicas usualmente utilizados no ensino do empreendedorismo, não foi possível, nesta pesquisa, identificar quais desses recursos proporcional maior efeito na alteração do perfil empreendedor do estudante de administração.
Testas e Moreira (2014)	Conhecer a propensão empreendedora dos alunos da Universidade Católica Portuguesa – Pólo de Viseu (UCP – PV)	Esse estudo não confirma a hipótese de que os alunos com familiares empresários, com uma atividade profissional remunerada e que frequentaram programas de mobilidade internacional de estudantes tem uma maior tendência empreendedora. Confirma apenas parcialmente as restantes hipóteses definidas nesta investigação, como de que o grau de ensino frequentado pelos alunos estava relacionado com o tipo de emprego que eles preferiam.
Crestani, Carvalho e Carraro (2019)	Identificar o potencial e o perfil empreendedor dos estudantes de Ciências Contábeis de uma Universidade Federal da região Sul do Brasil.	Foi possível inferir que os alunos do curso de Ciências Contábeis ainda não têm grandes intenções de abrir uma empresa no futuro. Dos alunos respondentes, menos de 10% já tem um negócio, sendo parte desses profissionais autônomos de prestação de serviços. Poucos têm planos para empreender no futuro e não estão economizando dinheiro para a abertura de um negócio. Também foi inferido que poucos alunos acreditam que a abertura de uma empresa pode trazer segurança familiar, podendo estar relacionado ao fato das tensões econômicas e a instabilidade do empreendedorismo. Os estudantes respondentes consideram o ensino do empreendedorismo na universidade altamente relevante, mesmo aqueles que não tem a

		intenção de abrir um novo negócio.
Cualheta, Abbad, Faiad e Junior (2020)	Apresentar o processo de elaboração e validação de uma escala que avalia as competências empreendedoras desenvolvidas no contexto de um curso de extensão universitário.	O estudo faz contribuições à literatura sobre ensino de empreendedorismo ao levantar competências empreendedoras que podem ser desenvolvidas por meio de cursos ou disciplinas de empreendedorismo e ao propor uma escala para avaliá-las. Essa escala pode ser utilizada como instrumento para mensurar se os cursos e disciplinas de empreendedorismo estão alcançando os objetivos esperados.
Neto, Cavalcante e Castro (2020)	Verificar a existência de relações significativas entre criatividade percebida, resiliência, autoeficácia e a viabilidade percebida com a intenção em empreender.	Os resultados dessa pesquisa confirmaram que a resiliência, a viabilidade percebida e a autoeficácia influenciam diretamente a intenção empreendedora, enquanto a criatividade contribui mediada pela autoeficácia e se junta aos demais construtos, que formam a intenção empreendedora.

Fonte: Elaborado pelos autores (2021).

Estudos anteriores realizados abordando a temática do empreendedorismo, buscam destacar as características que levam o aluno a empreender, bem como compreender a sua intenção empreendedora. Como diferencial e notado como lacuna de estudos, tem-se os estudos acerca do comportamento dos empreendedores durante a pandemia do covid-19 e como essa crise impactou na percepção empreendedora dos discentes. Dessa forma, esse trabalho busca reconhecer o perfil empreendedor dos alunos, identificando sua intenção e confiança para realização de competências empreendedoras e a sua percepção sobre o empreendedorismo durante a pandemia, abordando também como eles percebem a importância da graduação nesse processo.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Com o intuito de analisar a percepção dos discentes do curso de ciências contábeis, objetivou-se mapear e compreender os recursos pedagógicos oferecidos pela universidade e como essas práticas de ensino influenciam no desenvolvimento de competências e habilidades empreendedoras. Para isso, adotou-se a pesquisa descritiva. Esse método exige uma série de informações sobre o que se deseja pesquisar e busca descrever os fatos e fenômenos de uma determinada população, permitindo abranger com clareza as características de um indivíduo, um grupo ou uma situação (TRIVIÑOS, 1987).

Quanto a forma de abordagem essa pesquisa se classifica como quali-quantitativa, visto que as qualificações fortalecem os argumentos e constituem indicadores importantes para análises quantitativas (GRÁCIO; GARRUTTI, 2005, p. 119). Foi utilizado às duas abordagens, em consequência da subjetividade da temática da pandemia e a necessidade de ter perguntas abertas e subjetivas. Assim, foram analisados os números e métricas das respostas, como também, as experiências individuais dos participantes.

Quanto aos procedimentos, foi utilizada a pesquisa com levantamento de dados, visto que as pesquisas desse gênero se configuram pela interrogação direta das pessoas do qual se deseja conhecer o comportamento (GIL, 1993). Para isso, será realizada uma coleta de dados através de questionário on-line realizado através da plataforma Google Formulários. A opção da aplicação do questionário de forma on-line foi a única opção viável visando o atual cenário de ensino remoto nas universidades em consequência da pandemia da COVID-19.

A população escolhida para a coleta de dados foram os alunos matriculados no curso de Ciências Contábeis da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA) e da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN). A escolha dessa população se

justifica pela expectativa de que o papel do futuro profissional contábil nas organizações seja estimulado pelas instituições de ensino (CUALHETA; ABBAD; FAIAD; JUNIOR, 2020).

O número total de respondentes da amostra foi de 83 discentes. Para evitar a duplicidade de resposta, solicitou-se que os alunos informassem seu e-mail. A amostra escolhida, portanto, foi do tipo probabilística aleatória simples, visto que os entrevistados possuíam a mesma probabilidade de participar da pesquisa, não havendo preferências por determinados grupos (MARCONI; LAKATOS, 2011). A escolha das universidades foi estratégica, visando analisar o papel das instituições de ensino superior públicas e como influenciam no desenvolvimento de comportamentos empreendedores.

Para relacionar a percepção dos discentes sobre empreendedorismo, intenção empreendedora e papel da universidade, o questionário de pesquisa foi dividido em 5 partes visando categorizar cada objetivo de pesquisa. Para a definição dos construtos e pilares fundamentais de pesquisa, foi utilizado como referência uma escala de competências empreendedoras validada em 2020 (CUALHETA; ABBAD; FAIAD; JUNIOR, 2020). O questionário de pesquisa foi integrado pelas partes representadas nos Quadros 3 ao 7.

Quadro 3: Perfil do discente

Itens
Gênero
Faixa etária
Período que está cursando
Exerce atividade remunerada
Cursou disciplina relacionada ao empreendedorismo
Fez curso extracurricular sobre empreendedorismo
Possui sua própria empresa/negócio

Fonte Carraro, Carvalho e Crestani (2019)

Na primeira parte do questionário, o foco foi compreender o perfil do aluno e categorizar qual a sua relação e contato com o empreendedorismo. Todas essas informações serão essenciais para relacionar o seu perfil com os resultados obtidos. Foi visto a necessidade de questionar o aluno acerca da sua situação atual de trabalho, por isso foi incluído o questionamento acerca de sua atividade remunerada atual e se possui sua própria empresa. Também foi considerado válido indagar acerca da sua relação extracurricular com o empreendedorismo, dessa forma foi adicionado perguntas acerca de disciplina e curso extracurricular durante a graduação.

Para a captação de dados do quadro 4 e 5, foi definido a escala de Likert de cinco pontos, onde os respondentes escolhem somente um dos pontos fixos estipulados na linha, em um sistema de cinco categorias de resposta (pontos), partindo de “concordo totalmente” até “discordo totalmente” (DALMORO; VIEIRA, 2013).

Quadro 4: Intenção empreendedora do discente

Itens
Pretendo criar um novo negócio no futuro
Costumo pesquisar oportunidades de abrir um novo negócio
Costumo ler livros de como abrir um negócio
Tenho planos para abrir minha própria empresa
Gasto tempo aprendendo a iniciar um novo negócio
Estou economizando para começar um novo negócio

Fonte: Carraro, Carvalho e Crestani (2019)

Para compreender a relação do discente com o empreendedorismo e o seu desenvolvimento de competências empreendedoras, foi captado a necessidade de questionar a sua intenção de abrir um novo negócio. Portanto, para essa seção foi utilizado

como referência os tópicos de intenção empreendedora de pesquisa que teve como objetivo de estudo o perfil e potencial empreendedor dos alunos de ciências contábeis (CARRARO, CARVALHO; CRESTANI, 2019). Foi considerado de grande contribuição a utilização dessa pesquisa, pois será possível alinhar os resultados considerando o mesmo curso de graduação investigado e o período de tempo que as pesquisas foram aplicadas, sendo 2018 e 2020, tornando possível buscar alguma contribuição da pandemia na mudança de percepção e comportamento dos discentes do mesmo perfil de graduação.

Quadro 5: Percepção do aluno sobre competências empreendedoras

Competências	Itens
Elaborar modelo de negócios	Criar uma proposta de valor para o seu negócio
	Escolher os melhores canais de vendas
	Criar estratégias de relacionamento com seu cliente
Vender e assumir riscos	Falar em público
	Realizar tarefas que estão fora da minha zona de conforto
	Expor ideias para outras pessoas sem medo de ser julgado
Aceitar erros	Criar produtos/serviços
	Discutir com outras pessoas uma nova ideia de produto ou serviço
	Validar minha ideia de negócio com potenciais parceiros-chave antes de executá-la
Identificar oportunidades	Extrair lições de erros cometidos por mim e por outras pessoas
	Acreditar que erros fazem parte do processo empreendedor
	Identificar erros cometidos por outras pessoas ao tentar empreender
Trabalho em equipe	Trabalhar de forma cooperativa para que a equipe possa alcançar resultados
	Aceitar opiniões diferentes das minhas
	Conciliar opiniões distintas da equipe

Fonte: Cualheta, Abbad, Faiad, Junior (2020).

Com um estudo focal, foram definiram cinco competências empreendedoras para estudo, sendo elas: competências para elaborar o modelo de negócios; competências para vender e assumir riscos; competências para identificação de oportunidades; Competências para aceitar erros; competências de trabalho em equipe (CUALHETA, ABBAD; FAIAD; JUNIOR, 2020).

A partir de itens construídos nessa pesquisa, foram selecionados três afirmações consideradas mais relevantes de cada competência da escala para aplicação no questionário, de modo a compreender a percepção do estudante acerca do desenvolvimento das competências durante a graduação.

Quadro 6: Papel da universidade na formação empreendedora

Itens
Na sua percepção, a universidade teve um papel importante no seu desenvolvimento de competências empreendedoras?
Em quais ações pedagógicas avalia que houve maior influência no desenvolvimento de competências empreendedoras?

Fonte: Elaborado pelos autores (2021)

Essa seção foi elaborada com o intuito de compreender a percepção do discente acerca do papel da universidade na sua formação empreendedora. Portanto, com perguntas objetivas, o aluno foi questionado acerca da importância da universidade no desenvolvimento de competências empreendedoras e acerca das ações pedagógicas que ele considera que tiveram maior influência nesse desenvolvimento.

Quadro 7: Pandemia do covid-19 e empreendedorismo

Itens
Você considera que o cenário pandêmico mudou a sua percepção sobre o empreendedorismo?
O seu interesse pelo empreendedorismo aumentou durante a pandemia?
Pesquisou e planejou abrir um negócio durante a pandemia?
Ficou desempregado durante a pandemia e considerou empreender como uma nova fonte de renda?

Fonte: Elaborado pelos autores (2021)

A última parte da pesquisa, trouxe um diferencial para o estudo abordando a percepção dos alunos sobre empreendedorismo em um cenário pandêmico. Dessa forma, será possível analisar como a pandemia da COVID-19 influenciou no interesse e percepção dos alunos sobre a temática. Visto, a restrição de pesquisas, referências e escalas validadas abordando a pandemia e o empreendedorismo, os itens questionados foram elaborados pelos próprios autores com perguntas objetivas.

Para compreender a correlação entre as variáveis, perfil do aluno, competências empreendedoras, intenções empreendedoras, percepção sobre o papel da universidade e reflexos da pandemia na visão sobre o empreendedorismo foi utilizado o teste de coeficiente de correlação de *Spearman*. Esse coeficiente é uma medida de correlação entre variáveis aleatórias e não paramétricas, utilizadas em casos de variáveis ordinais e categóricas, como a amostra de estudo. O grau de correlação entre as variáveis é considerado maior quanto mais próximo estiver dos extremos (-1 ou de 1), sendo as correlações negativas ou positivas, do qual zero aponta não haver correlação (TRIOLA, 2005;). Todos os testes estatísticos foram efetuados por meio do *software Stata*- versão16®.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise de dados foi efetuada, conforme a divisão das partes do questionário, divididos em cinco grupos: perfil dos alunos; intenção empreendedora; competências empreendedoras; papel da universidade na formação empreendedora e percepção dos alunos sobre empreendedorismo na pandemia do covid-19.

Tabela 1: Perfil dos alunos de Ciências Contábeis

Tabela 1: Perfil dos alunos de Ciências Contábeis									
GÊNERO									
Masculino – 38,60%					Feminino – 61,64%				
IDADE									
Até 18	18-23	24-30		31-40		41-54		55+	
0	56,60%	20,50%		14,50%		7,20%		1,20%	
SEMESTRE									
1º	2º	3º	4º	5º	6º	7º	8º	9º	10º
16,9%	4,8%	8,4%	13,3%	12%	4,8%	3,6%	15,7%	16,9%	3,6%
ATIVIDADE REMUNERADA									
Bolsista	Estagiário	Servidor Público		Autônomo		Empresário	Nenhuma	Efetivados	
8,40%	12%	3,60%		10,80%		3,60%	36,10%	25,50%	
POSSUI EMPRESA/NEGÓCIO									
Sim – 15,70%					Não – 84,30%				
CURSOU DISCIPLINA RELACIONADA AO EMPREENDEDORISMO									
Sim - 48,20%					Não - 51,80%				
FEZ CURSO EXTRACURRICULAR SOBRE EMPREENDEDORISMO									

Sim – 38,60%	Não – 61,40%
---------------------	---------------------

Fonte: elaborada a partir dos dados da pesquisa (2021)

Conforme destacado na Tabela 1, no período de pesquisa, a amostra apresenta maioria de respondentes do gênero feminino, com uma predominância de idade entre 18 e 30 anos. Houve uma considerável distribuição de respondentes entre os semestres, tendo destaque de maior contribuição os alunos do 1º e 9º período do curso de Ciências Contábeis.

Observou-se uma quantidade pequena da amostra que se considera empresário e autônomo, representando 14,4% do total de respondentes, predominando como atividade remunerada os profissionais efetivados (25,50%), estagiários (12%) e bolsistas (8,40%). Vale ressaltar que, 36,10% dos respondentes não se identificaram com nenhuma opção de atividade remunerada. Outrossim, quando questionados se possuíam algum empreendimento, 15,70% responderam possuírem uma empresa ou um negócio.

Pesquisa realizada pelo Sebrae e Endeavor em 2016 comprovou haver um efeito positivo em todos os aspectos de se empreender quando o aluno cursa uma disciplina de empreendedorismo, mesmo que a diferença não seja tão grande. Afinal, não são apenas disciplinas que transformam e impactam definitivamente a confiança e o preparo do aluno. Por isso, programas extracurriculares e infraestrutura são espaços e programas de criação, inovação e motivação necessários para dar suporte ao aluno e prepará-lo para o ecossistema empreendedor (SEBRAE; ENDEAVOR, 2016).

Desse modo, atividades diversas de educação empreendedora são essenciais para desenvolver competências no aluno, permitir o ensino prático e integrá-lo. Nesse contexto, quanto ao estudo sobre esses fatores, 48,20% afirmaram já ter cursado disciplinas que abordam o empreendedorismo e, em torno de 38,60% dos discentes afirmaram já terem realizados cursos extracurriculares sobre empreendedorismo fora da universidade.

4.1 INTENÇÃO EMPREENDEDORA

A intenção empreendedora expressa o compromisso pessoal de iniciar um negócio (FERRANDIZ; FIDEL; CONCHADO, 2018). Para que os empreendedores alcancem o sucesso de suas empresas, é fundamental que possuam competências empreendedoras, ou seja, devem ser pessoas com uma forte intenção empreendedora e, simultaneamente, deve reunir características individuais para o desempenho da função empresarial (GONZÁLEZ, CARVALHO, 2006). A Tabela 2 retrata a percepção dos alunos quanto a sua intenção de empreender.

Tabela 2: Intenção empreendedora

	1	2	3	4	5
Pretendo criar um novo negócio no futuro	9,60%	3,60%	22,90%	36,10%	27,70%
Costumo pesquisar oportunidades de abrir um novo negócio	13,30%	14,50%	21,70%	26,50%	24,10%
Costumo ler livros de como abrir um novo negócio	30,10%	26,50%	24,10%	10,80%	8,40%
Tenho planos para abrir minha própria empresa	14,50%	6%	26,50%	22,90%	30,10%
Gasto tempo aprendendo a iniciar um novo negócio	21,70%	19,30%	30,10%	20,50%	8,40%
Estou economizando dinheiro para começar um novo negócio	36,10%	15,70%	27,70%	15,70%	4,80%

Legenda: Discordo totalmente (1), discordo parcialmente (2), não concordo, nem discordo (3), concordo parcialmente (4), concordo totalmente (5)

Fonte: elaborada a partir de dados da pesquisa (2021).

Dentre os respondentes, 63% dos alunos concordam parcial ou totalmente na preposição de criar um novo negócio no futuro. Resultado superior à mesma pesquisa realizada em outra universidade do ano de 2016, que demonstrou 43% do interesse dos

alunos em 2016 e 49% em 2018 (CARRARO; CARVALHO; CRESTANI, 2019). O índice de discentes que discordam totalmente da pretensão de criar um negócio é muito baixa, demonstrando uma parcela de 9,60% da amostra.

Dessa forma, é possível afirmar que cerca de 60% dos discentes em análise tem a intenção de criar um negócio no futuro, revelando uma intenção empreendedora alta da amostra. Esse perfil se mantém no interesse dos alunos para empreender, onde cerca de 50% concordaram que costumam pesquisar oportunidades de abrir um novo negócio e tem planos para abrir sua própria empresa.

Todavia, em média 40% dos discentes discorda parcial ou totalmente da afirmação de que gastam tempo aprendendo a iniciar um novo negócio e cerca de 50% discordaram da preposição de que leem livros sobre como abrir um novo negócio. Dessa maneira, é possível concluir que os alunos têm interesse de empreender no futuro, pesquisam oportunidades, traçam planos, mas não se preparam e se dedicam para se tornarem empreendedores. Esses resultados estão alinhados com estudos realizados anteriormente (MELHADO; MILLER, 2012; CARRARO; CARVALHO; CRESTANI, 2019).

4.2 COMPETÊNCIAS EMPREENDEDORAS

No fator de Competências para elaborar o modelo de negócios, 34,90% dos alunos consideram que tem mais confiança para realizar a criação de estratégias de relacionamento com seu cliente (34,90%) do que para criar uma proposta de valor para o seu negócio. A maioria dos respondentes se revelou indiferente acerca da realização de tarefas que estão fora da sua zona de conforto e mais de 40% concordam parcial ou totalmente que possuem confiança para falar em público e para expor ideias sem medo de ser julgado. Outrossim, 30,10% da amostra concordou totalmente que possui confiança para discutir com outras pessoas uma nova ideia de produto ou serviço.

Tabela 3: Competências empreendedoras

Competências Empreendedoras	1	2	3	4	5
Competências para elaborar o modelo de negócio					
Criar uma proposta de valor para o seu negócio	13,30%	16,90%	25,30%	22,90%	21,70%
Escolher os melhores canais de vendas	7,20%	13,30%	25,30%	28,90%	25,30%
Criar estratégias de relacionamento com seu cliente	6,00%	12,00%	20,50%	26,50%	34,90%
Competências para vender e assumir riscos					
Falar em público	10,80%	14,50%	27,70%	20,50%	26,50%
Realizar tarefas que estão fora da minha zona de conforto	3,60%	13,30%	30,10%	25,30%	27,70%
Expor ideias para outras pessoas sem medo de ser julgado	9,60%	16,90%	27,70%	20,50%	25,30%
Competências para aceitar erros					
Criar produtos/serviços	10,80%	12,00%	28,90%	19,30%	28,90%
Discutir com outras pessoas uma nova ideia de produto ou serviço	4,80%	10,80%	25,30%	28,90%	30,10%
Validar minha ideia de negócio com potenciais parceiros-chave antes de executá-la	8,40%	14,50%	26,50%	27,70%	22,90%
Competências para identificar oportunidades					
Extraí lições de erros cometidos por mim e por outras pessoas	3,60%	2,40%	18,10%	32,50%	43,40%
Acreditar que erros fazem parte do processo empreendedor	2,40%	4,80%	14,50%	31,30%	47,00%
Identificar erros cometidos por outras pessoas ao tentar empreender	4,80%	2,40%	26,50%	26,50%	45,80%

Competências de trabalho em equipe					
Trabalhar de forma cooperativa para que a equipe possa alcançar resultados	2,40%	3,60%	14,50%	26,50%	53,00%
Aceitar opiniões diferentes das minhas	3,60%	2,40%	13,30%	36,10%	44,60%
Conciliar opiniões distintas da equipe	3,60%	4,80%	13,30%	38,60%	39,80%

Legenda: Discordo totalmente (1), discordo parcialmente (2), não concordo, nem discordo (3), concordo parcialmente (4), concordo totalmente (5)

Fonte: elaborada a partir de dados da pesquisa (2021).

Cerca de 40% dos discentes possuem nível de confiança elevado para identificar oportunidades de negócios. O que torna esse indicador relevante, visto que para Hirsch, Peters e Shepherd (2009), o comportamento empreendedor é o estudo do comportamento humano envolvido na identificação e exploração de oportunidades através da criação e desenvolvimento de novos negócios.

Dentre as variáveis pesquisadas, destacou-se como competência empreendedora mais comum o trabalho de forma cooperativa para que a equipe possa alcançar resultados, representando 53% de alunos que concordam totalmente do seu nível de confiança para realização dessa atividade.

4.3 PAPEL DA UNIVERSIDADE NA FORMAÇÃO EMPREENDEDORA

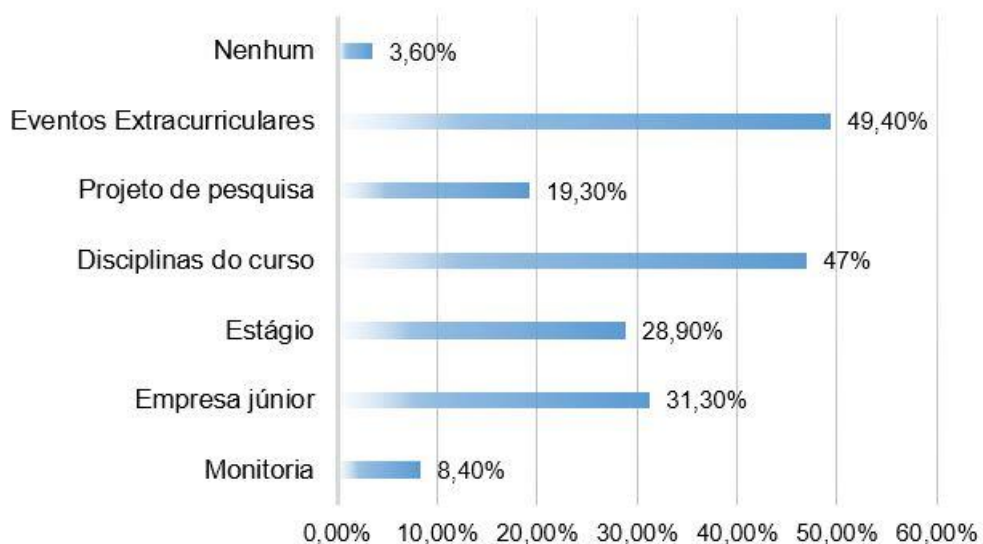
Atividades extracurriculares, além da participação em feiras, cursos e estágios, contribuem para a formação de uma rede de contatos dos acadêmicos, permitindo maiores oportunidades ao se formarem, uma vez que a vida profissional se inicia cada vez mais cedo. (ZILIOTTO; BERTI, 2012).

Assim, existe uma satisfação maior com a escolha profissional por parte dos alunos que se envolveram em atividades acadêmicas ou atividades externas remuneradas durante o curso, devido à aproximação da realidade do mundo do trabalho, bem como a uma expectativa mais realista em relação à profissão (BARDAGI *et al.*, 2006).

Esses fatores são comprovados no resultado dessa pesquisa, quando questionados acerca das ações pedagógicas que tiveram maior influência no desenvolvimento de competências empreendedoras, houve predominância de respostas em atividades extracurriculares como congressos, palestras e eventos (49,4%); disciplinas do curso de ciências contábeis (47%) e empresa júnior (31,3%).

Dessa forma, aproximadamente 50% dos alunos participaram de atividades extracurriculares e em média 30% participaram de estágio e empresa júnior. O que pode se relacionar com o alto índice da amostra que tem a intenção de abrir um novo negócio, em consequência dessas experiências extracurriculares.

Gráfico 1: Atividades pedagógicas realizadas pelos discentes



Fonte: Elaborado a partir de dados da pesquisa (2021).

Para gerar um melhor ambiente de negócios e desenvolver os ecossistemas empreendedores locais, é importante que as instituições de ensino superior sejam agentes-chave dessa transformação, em razão do seu potencial de impacto na comunidade (ENDEAVOR; SEBRAE, 2014). Para 73,5% da amostra em análise, a universidade teve um papel importante no seu desenvolvimento de competências empreendedoras.

Assim, é possível alinhar essa variável com os resultados do tópico 4.1 que demonstram que os alunos têm a intenção de abrir um novo negócio no futuro, consideram que desenvolvem competências empreendedoras na universidade, mas não buscam formas de se preparar para empreender. Constatando o resultado de pesquisa realizada pela Endeavor e Sebrae em 2014, que reconheceu que a universidade possui disciplinas que motivam os alunos a darem o primeiro passo, mas prejudica ao não os ajudar nos passos seguintes (ENDEAVOR; SEBRAE, 2014).

4.4 PANDEMIA DA COVID-19 E EMPREENDEDORISMO

Diante da pandemia do Coronavírus, no ano de 2020, foi registrado o maior número de empreendedores da história do Brasil, sendo que a vocação não foi a principal motivação e sim a necessidade que este ocorrido trouxe. Desde a parte final do mês de fevereiro até setembro foram registradas mais de 1,15 milhões de novas formalizações de microempreendedores (MEI), com isso soma-se com 7,5 milhões de MEIs já existentes o que faz esse setor representar cerca de 30% do PIB (ROSA; RODRIGUES; SILVEIRA, 2020).

Do mesmo modo, a pandemia da COVID-19 gerou uma crise para o brasileiro e provocou impactos profundos na saúde pública e no mercado de trabalho, visto o contexto de paralisação das atividades produtivas, os trabalhadores informais perderam o sustento, e muitas empresas demitiram seus empregados com carteira assinada, fazendo com que grande parte tenha que buscar novas formas de renda, sendo a atividade empreendedora muito impulsionada como necessidade de sobrevivência (ROSA; RODRIGUES; SILVEIRA, 2020; COSTA, 2020).

Gráfico 2: Percepção do discente sobre o empreendedorismo durante a pandemia



Fonte: Elaborado a partir de dados da pesquisa (2021).

Notado esses fatores, 74,70% da amostra pesquisa ficou desempregada durante a pandemia e considerou empreender com uma nova fonte de renda, o que representa um alto índice de desemprego. Essa parcela passou a considerar o empreendedorismo como uma nova fonte de renda. Além disso, cerca de 80% dos respondentes afirmaram que o cenário pandêmico mudou a sua percepção sobre o empreendedorismo. Desse modo, todas as variáveis questionadas acerca da percepção dos alunos sobre o empreendedorismo durante a pandemia tiveram resultados significativos. Dado que, cerca de 70% que ficaram desempregados durante a pandemia, 59% afirmaram ter pesquisado e planejado abrir um negócio e 66,3% passaram a se interessar pelo empreendedorismo.

4.5 CORRELAÇÃO DAS COMPETÊNCIAS E INTENÇÕES EMPREENDEDORAS

Para comparar as variáveis relacionadas ao perfil dos alunos, intenção empreendedora, competências empreendedoras e percepção do empreendedorismo durante a pandemia utilizou-se o coeficiente de correlação de Spearman.

Tabela 4: Correlação do nível de confiança de competências e intenções empreendedoras com as variáveis de perfil do aluno

	SEXO	IDADE	AR	DE	CEX	PE	IE	CMN	CVR	CAE	CO	CTE
GÊNERO	1											
IDADE	-0,1346 0,2250	1										
AR	0,0223 0,8411	0,2115 *	1									
DE	-0,1277 0,2489	0,2090 *	0,1234	1								
CEX	-0,1354 0,2222	- 0,0897	0,1838 *	0,1773 0,1089	1							
PE	0,0689	0,0300	0,2552 **	0,1814	0,2035*	1						

	0,5358	0,7875	0,0199	0,100 7	0,065 0							
IE	-0,1154	0,1563	0,0556	0,133 6	- 0,004 7	0,3175*	1					
	0,2987	0,1583	0,6176	0,228 4	0,966 7	0,0034						
CMN	-0,1226	- 0,0823	- 0,0737	0,171 0	0,160 5	0,1495	0,3547*	1				
	0,2697	0,4594	0,5081	0,122 2	0,147 3	0,1773	0,001					
CVR	- 0,2467**	- 0,0196	0,1710	0,051 1	0,195 8*	0,1509	0,3056*	0,5795*	1			
	0,0245	0,8601	0,1221	0,646 4	0,076	0,1732	0,005	0,0000				
CAE	-0,1841*	- 0,1364	0,0595	0,168 7	0,160 2	0,1671	0,3717*	0,7084*	0,7056*	1		
	0,0957	0,2187	0,5929	0,127 4	0,148 0	0,1310	0,0005	0,0000	0,0000			
CO	0,0311	- 0,1353	0,0875	0,047 7	0,204 9*	0,0635	0,2096	0,5738*	0,4734*	0,6123*	1	
	0,7803	0,2227	0,4314	0,668 3	0,063 1	0,5685	0,0572	0,0000	0,0000	0,0000		
CTE	0,0632	- 0,1713	0,1882 *	- 0,019 0	0,076 8	-0,0092	0,2016	0,4504*	0,5343*	0,5231*	0,7094*	1
	0,5705	0,1215	0,0883	0,864 8	0,489 9	0,9345	0,0676	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	

Legenda: Atividade remunerada (AR), Disciplina de empreendedorismo (DE), Curso Extracurricular sobre empreendedorismo (CEX), possui empresa (PE), Intenções Empreendedoras (IE), Competência para elaborar modelo de negócios (CMN), Competências para vender e assumir riscos (CVR), Competências para aceitar erros (CAE), Competências para identificar oportunidades (CO), Competências para trabalho em equipe (CTE).

Obs: p-valor *, **, *** denotam significância de 10%, 5% e 1%, respectivamente.

Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Observa-se, na Tabela 4, que a idade dos discentes está relacionada às variáveis “possui uma atividade remunerada (AR)” e “cursou disciplina de empreendedorismo (DE)”, com significância de 10% (p-valor=0,0549 e 0,0579), apresentando uma correlação positiva (0,2115) e (0,2090), respectivamente. Esses resultados evidenciaram uma relação fraca entre as variáveis. Percebe-se, também, que os alunos que já possuem empresa, seguem intencionados a abrir um novo negócio, tendo uma correlação positiva (0,3175), com significância de 1% (p-valor=0,0034).

Esse resultado está associado aos resultados de Crestani, Carvalho e Carraro (2019) que trouxeram evidências de que os participantes que já possuem um negócio, seguem motivados a empreender. Além dessa analogia ao estudo supracitado, também foi encontrado como equivalência que aqueles que não possuem um negócio, mas intencionam empreender, tem uma correlação com os que possuem competências empreendedoras conforme a Tabela 5.

Ressalta-se que aqueles que possuem atividade remunerada participam mais de cursos extracurriculares e tem maiores níveis de confiança para trabalhar em equipe, representando uma correlação positiva (0,1838) e (0,1882), respectivamente. Um fator relevante observado foram as variáveis relacionadas ao gênero dos alunos, mulheres demonstraram possuir mais confiança para realizar competências para aceitar riscos e ter mudado de percepção sobre o empreendedorismo durante a pandemia. Por outro lado, os homens possuem mais aptidão nas competências para aceitar erros.

Existe a necessidade de inovação das ferramentas de ensino, e que as mesmas, busquem potencializar a capacidade cognitiva dos alunos neste caso, em especial, do ensino superior (NUNES, 2016). As atividades extracurriculares têm um grande impacto nesse sentido, visto que foram encontradas diversas variáveis que se relacionam com o fato de o aluno realizar cursos extracurriculares. Sendo elas: competências empreendedoras, atividade remunerada e planejar abrir um negócio durante a pandemia.

Tabela 5: Correlação das competências empreendedoras com a variável intenções empreendedoras

Variáveis	IE	CMN	CVR	CAE	CO	CTE
IE	1					
CMN	0,3574*** 0,0010	1				
CVR	0,3056*** 0,0050	0,5795*** 0,0000	1			
CAE	0,3717*** 0,0050	0,7084*** 0,0000	0,7056*** 0,0000	1		
CO	0,2096 0,0572	0,5738*** 0,0000	0,4734*** 0,0000	0,6123*** 0,0000	1	
CTE	0,2016 0,0676	0,4504*** 0,0000	0,5343*** 0,0000	0,5231*** 0,0000	0,7094*** 0,0000	1

Legenda: Intenções Empreendedoras (IE), Competência para elaborar modelo de negócios (CMN), Competências para vender e assumir riscos (CVR), Competências para aceitar erros (CAE), Competências para identificar oportunidades (CO), Competências para trabalho em equipe (CTE).

Obs: *p*-valor *, **, *** denotam significância de 10%, 5% e 1%, respectivamente.

Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Todas as variáveis analisadas de competências empreendedoras se correlacionam, apresentando uma relação fraca de 0,3056 a 0,3717; moderada de 0,4504 a 0,6123 e forte de 0,7084 a 0,7094. Esse dado demonstra que os alunos que possuem um tipo de competência empreendedora, está susceptível a ter outras. As únicas variáveis que não apresentaram correlação foram as Intenções empreendedoras com Competências para identificar oportunidade e competências para trabalho em equipe.

Desse modo, quem intenciona abrir um negócio não possui relação e confiança para realizar essas competências. Em contrapartida, os alunos que se identificaram com Competências para trabalho em equipe possuem uma forte relação com Competências de oportunidade, Competência para aceitar erros e Competências para vender e assumir riscos. Assim, quem intenciona empreender não possui relação, mas aqueles que possuem competências para trabalho em equipe possuem forte correlação com as outras competências em estudo.

Como destaque de relação forte, também foi analisado a ligação entre competências para aceitar erros, as variáveis Competências para elaborar um modelo de negócios e Competências para vender e assumir riscos, demonstrando significância a 1% (*p*-valor=0,0000) e uma correlação positiva (0,7084) e (0,7056), respectivamente.

Tabela 6: Correlação da percepção dos alunos sobre empreendedorismo durante a pandemia e a variável intenções empreendedoras

	IE	MP	AI	ANE	DP	CE
IE	1					
MP	0,0991 0,3725	1				
AI	0,4109*** 0,0001	0,2534** 0,0208	1			
ANE	0,3484*** 0,0012	0,2916*** 0,0075	0,4907*** 0,0000	1		
DP	0,1171 0,2918	0,0983 0,3766	0,3566*** 0,0009	0,3042*** 0,0052	1	

	0,3563***	-0,0526	0,1596	0,1668	0,0822	1
CE	0,0009	0,6366	0,1494	0,1318	0,4601	

Legenda: Intenções empreendedoras (IE), mudou a percepção sobre empreendedorismo durante a pandemia (MP), Aumentou o interesse pelo empreendedorismo durante a pandemia (AI), planejou abrir um novo negócio durante a pandemia (ANE), Ficou desempregado durante a pandemia e considerou empreender como uma nova fonte de renda (DP), Competências empreendedoras (CE).

Obs: *p*-valor *, **, *** denotam significância de 10%, 5% e 1%, respectivamente.

Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Não foram identificadas correlação entre as competências empreendedoras e a percepção dos alunos sobre o empreendedorismo durante a pandemia. Assim, quem possuem essas competências não mudaram a percepção sobre empreendedorismo no cenário pandêmico. Por outro lado, quem tem a intenção de abrir um novo negócio tem uma relação com o aumento do interesse pelo empreendedorismo durante a pandemia (0,4109) e planejou abrir um novo negócio durante a pandemia (0,3484).

A amostra que ficou desempregada durante a pandemia, apresentou uma correlação com as variáveis planejou abrir um novo negócio durante a pandemia (0,3042) e aumentou o interesse pelo empreendedorismo (0,3566). Essa informação condiz com a pesquisa realizada por Rosa, Rodrigues, Silveira (2020) e Costa (2020), onde comprovam que os trabalhadores que perderam seus empregos durante a pandemia, recorreram à atividade empreendedora como uma nova fonte de renda, o que impulsionou o interesse pelo empreendedorismo e o planejamento para abrir um novo negócio, em decorrência do cenário pandêmico.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho teve como objetivo analisar a percepção dos discentes do curso de ciências contábeis em relação as competências e intenções empreendedoras e o papel das universidades públicas em um cenário pandêmico, para isso utilizou-se como base as pesquisas realizadas por Carraro, Carvalho, Crestani (2019) e Cualhetaa, Abbad, Faiad, Junior (2020). Para a realização do estudo, foi realizado coleta de dados através de questionário on-line no *Google Forms* aplicado com alunos do curso, através de link enviado por e-mail.

O objetivo de estudo foi atendido, visto que foi analisado a percepção dos discentes do curso de ciências contábeis em relação as intenções empreendedoras, revelando um nível alto de alunos que desejam abrir seu próprio negócio e bem como a presença do interesse em continuar empreendendo por aqueles que já possuem seu negócio. Também foi identificado a percepção do aluno acerca do seu nível de confiança para realização de competências empreendedoras, evidenciando que todas as competências se correlacionam, então quem possui uma competência tem uma grande probabilidade de ter competência para realizar as outras.

Com a realização da pesquisa foi possível inferir que 15,70% já empreendem (empreendedores), 63% pensam em empreender no futuro (potenciais empreendedores) e 9,60% dos alunos não têm a intenção de abrir um negócio (não empreendedores). Para os estudantes, o papel da universidade na formação empreendedora é altamente relevante. Todavia, alunos que tem a intenção de abrir um negócio no futuro, consideram que desenvolvem competências empreendedoras no ambiente acadêmico, mas não se sentem preparados para empreender.

Foi reconhecido que os alunos estão mais preparados para trabalhar em equipe e identificar oportunidades de negócios. Consideram que a universidade tem um papel fundamental no desenvolvimento do perfil empreendedor, todavia através dos dados analisados foi possível concluir que a graduação inspira os alunos, porém não os preparam para dar o primeiro passo. O cenário pandêmico também foi objeto de estudo e um diferencial para o trabalho, representando dados importantes sobre esse período de crise. De modo que, os alunos que ficaram desempregados nesse período, mudaram sua

percepção sobre o empreendedorismo, se interessaram e planejaram abrir um negócio como uma nova fonte de renda.

Mais de 70% dos estudantes apontaram que ficaram desempregados durante a pandemia e consideraram empreender como uma nova fonte de renda. Esse fator, foi identificado em relação ao desemprego, pois a atividade empreendedora foi impulsionada como necessidade de sobrevivência, questão evidenciada por outros autores (ROSA; RODRIGUES, SILVEIRA, 2020; COSTA, 2020). Como resultado da mudança dessa percepção, em 2020 foi registrado o maior número de empreendedores da história do Brasil, sendo registrados mais de 1,15 milhões de novas formalizações de microempreendedores (MEI).

Como principal contribuição desse trabalho tem-se a extensão e contribuição para o campo acadêmico de pesquisa que busque compreender o comportamento empreendedor dos discentes e o papel da graduação do curso de ciências contábeis na formação dos alunos. Além disso, trouxe resultados significativos que contribuem para a percepção acerca do comportamento da sociedade durante a pandemia do covid-19.

Esta pesquisa colaborou para campos teóricos e práticos, todavia, ainda que inerente a toda e qualquer pesquisa, teve suas limitações. A principal dessas foi a pandemia, que dificultou a coleta de dados que foi realizada através de questionários enviados através de link pelo *Google Forms*, pois muitos não responderam e a amostra obteve número baixo de respondentes.

Outro fator de limitação da pesquisa é que a pesquisa foi realizada apenas com discentes do curso Ciências Contábeis, não se estendendo aos demais cursos da IES. Dessa forma, para futuras pesquisas sugere-se que abranjam outros cursos de graduação, aplicação em IES privadas e utilização de outras técnicas estatísticas. Outra recomendação é a aplicação da pesquisa analisando o papel da universidade na formação empreendedora pela ótica dos docentes, assim será possível ter mais uma variável no estudo acerca do papel da universidade no desenvolvimento do perfil empreendedor dos alunos.

REFERÊNCIAS

ANTONELLO, C. S. A metamorfose da aprendizagem organizacional: Uma revisão crítica. In: RUAS, R. L.; ANTONELLO, C. S.; BOFF, L. H. e colaboradores. **Os novos horizontes da gestão: Aprendizagem organizacional e competências**. Porto Alegre: Bookman, 2005. p. 12-33.

BITENCOURT, C. C. **Gestão de competências e aprendizagem nas organizações**. São Leopoldo/RS: Unisinos, 2005.

BARDAGI, Marúcia *et al.* Escolha profissional e inserção no mercado de trabalho: percepções de estudantes formandos. **Psicol. esc. educ.**, v.10, n.1, p.69-82, jun. 2006.

CARVALHO, P. M. R; GONZÁLEZ, L. Modelo explicativo sobre a intenção empreendedora. **Comportamento Organizacional e Gestão**, v.12, n. 1, p. 43-65, 2006.

COSTA, S. S. Pandemia e desemprego no brasil. **Revista de administração pública** 28 Ago 2020.

CUNHA, Filipe Apolo Gomes da. DNA Júnior. **Guia de empresas juniores**. Brasil Júnior, 2011. Disponível em: <https://www.ufrb.edu.br/>. Acesso em: 14 set 2021.

COOLEY, L. **Entrepreneurship training and the strengthening of entrepreneurial performance**. Final Report. Contract N. DAN-5314-C-00-3074-00. Washington: USAID, 1990.

DALMORO, M; VIEIRA, K. M. V. Dilemas na construção de escalas tipo likert: o número de itens e a disposição influenciam nos resultados. **Revista Gestão Organizacional**, v.6, 2013.

DORNELAS, J. C. A. **Empreendedorismo na prática: Mitos e verdades do empreendedor de sucesso**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

DIAS, T. R. F. V.; NARDELLI, P. M.; VILAS BOAS, A. A. Competências empreendedoras: Um estudo sobre os empreendedores ganhadores do prêmio TOP Empresarial. In: ENCONTRO DE ESTUDOS SOBRE EMPREENDEDORISMO E GESTÃO DE PEQUENAS EMPRESAS, 5, 2008. São Paulo. **Anais...** São Paulo/SP: EGEPE, 2008.

ENDEAVOR BRASIL, SEBRAE. **Empreendedorismo nas universidades brasileiras- resultados quantitativos**. Porto Alegre, 2014. Disponível em: <https://endeavor.org.br/>. Acesso em 20 out. 2021.

ENDEAVOR BRASIL. **As universidades brasileiras apoiam o empreendedorismo? Veja o que os alunos e professores pensam**. 2016. Disponível em: <https://www.napratica.org.br/>. Acesso em 02 nov. 2021.

FREITAS, I. A. de.; BRANDÃO, H. P. Trilhas de aprendizagem como estratégias de TD&E. In: BORGESANDRADE, J. E.; ABBAD, G. DA S.; MOURÃO, L. **Treinamento, desenvolvimento e educação em organizações e trabalho: Fundamentos para a gestão de pessoas**. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 97-113.

FREIRE; Amanda de Albuquerque Queiroga; LUCENA, Rodrigo Gonçalves. Empreendedorismo, Inovação e Marketing: uma análise no Qoma Food Trailer. In: SEMEAD SEMINÁRIOS EM ADMINISTRAÇÃO, 19., São Paulo, nov. 2016. **Anais...** São Paulo, 2016.

FILION, L. J. O planejamento do seu sistema de aprendizagem empresarial: Identifique uma visão e avalie o seu sistema de relações. **RAE**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 63-71, jul./set.1991.

FERRANDIZ, J. F.; FIDEL, P.; CONCHADO, A. Promoting entrepreneurial intention through a higher education program integrated in an entrepreneurship ecosystem. **International Journal of Innovation Science**, v. 10, n. 1, p. 6-21, jan. 2018.

GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR. **Estudo sobre o Empreendedorismo**. GEM, Portugal, 2010. Disponível em: <http://www.gemconsortium.org>. Acesso em: 20 jun. 2021.

GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR. **Empreendedorismo no Brasil - Revista Expectativa-** e-ISSN 1982-3029 – v.18 – n.1 – jan./jun. - 2019 68 relatórios executivo. Paraná: IBPQ/SEBRAE, 2015.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisas**. São Paulo: Atlas S.A., 1993.

HISRICH, R D; PETERS, I P; SHEPHERD, D A. **Empreendedorismo**. Tradução Teresa Felix de Souza. 7ed. Porto Alegre: Bookman, 2009. 662p.

L. de C. Rocha, A. A. F. Freitas. **RAC**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 4, art. 5, pp. 465-486, 2014.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisa, amostragem e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

MAMEDE, M. I. de B.; MOREIRA, M. Z. Perfil de competências empreendedoras dos investidores Portugueses e Brasileiros: Um estudo comparativo na rede hoteleira do Ceará. In: ENANPAD: 2005. **Anais...** Brasília/DF.

McCLELLAND, D. C. **A sociedade competitiva: Realização e progresso social**. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1972

MAN, T. W. Y., LAU, T.; Snape, E. Entrepreneurial Competencies and the Performance of Small and Medium Enterprises: An Investigation through a Framework of Competitiveness. **Journal of Small Business & Entrepreneurship**, v. 21, n. 3, p. 257-276, 2008.

MELHADO, J. P.; MILLER, A. **Empreendedorismo nas universidades brasileiras 2012**. Porto Alegre: Endeavor Brasil, 2012.

NASSIF, V. M. J; AMARAL, D. J. A; PRANDO, R. A. Universidade desenvolve competências empreendedoras? Um mapeamento das práticas de ensino numa universidade brasileira. **Administração: ensino e pesquisa**, Rio de Janeiro v.3, p. 597-628, jul./ago./set. 2012.

NASSIF, V. M. J; ANDREASSI, T; SIMÕES, F. Competências empreendedoras: Há diferenças entre empreendedores e intraempreendedores? **Revista de Administração e Inovação**, São Paulo, v. 8, n. 3, p.33-54, jul./set. 2011.

NUNES, W. C. **Empreendedorismo por oportunidade: objeto de aprendizagem com proposta metodológica, desenvolvida à luz da neurociência, para melhorar a performance na capacidade de identificar oportunidades de negócios**. 2016. Tese (Doutorado) – Pós graduação em informática na educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

OLIVEIRA; A. G. M.; MELO, M. C. O. L.; MUYLDER, C. F. Educação empreendedora: o desenvolvimento do empreendedorismo e inovação social em instituições de ensino superior. **Revista Administração em Diálogo - RAD**, v. 18, n. 1, p. 29- 56, jan./abr. 2016.

PAIVA JÚNIOR, F. G.; LEÃO, A. L. M. de S.; MELLO, S. C. B. **Competências empreendedoras em comportamentos de dirigentes de êxito socialmente reconhecido**. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 27, 2003, Atibaia. Anais... Atibaia/SP: ANPAD, 2003

ROCHA, E. L. C., & Freitas, A. A. F. Avaliação do Ensino de Empreendedorismo entre Estudantes Universitários por meio do Perfil Empreendedor. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 18, n. 4, p. 465-486, 2014.

ROSA, L. S.; RODRIGUES, J. V. D.; SILVEIRA, O. F. Aumento de empreendedores na pandemia. **Revista da Mostra de Iniciação Científica e Extensão**, v. 6, n. 1, 2020.

SEBRAE; ENDEAVOR BRASIL. **Empreendedorismo nas universidades brasileiras**. Porto Alegre: SEBRAE; Endeavor Brasil, 2016.

SCARBOROUGH, P.A. Nordhaus, W.D. **Economia**.12. ed. Lisboa: Mc Graw-Hill, 1988.

SHANE, S.; VENKATARAMAN, S. The Promise of Entrepreneurship as a field of research. **The Academy of Management Review**, v. 25, n.1, p. 217–226, 2000.

SARKAR, S. **Empreendedorismo e Inovação** (2ª ed.). Lisboa: Escolar Editora. 2010.

SNELL, R.; LAU, A. **Exploring local competences salient for expanding small business.** **Journal of Management Development**, v. 13, n. 4, 1994.

TESTAS; C. P.; MOREIRA; F. R. **O empreendedorismo no ensino superior.** **Gestão e Desenvolvimento**, n. 22, p. 139-16, 2014.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1987.

TRIOLA, Mario. **Introdução à estatística.** 9. ed. Rio de Janeiro: LCT, 2005

ZAMPIER, M. A.; TAKAHASHI, A. R. W. Competências empreendedoras e processos de aprendizagem empreendedora: modelo conceitual de pesquisa. **Caderno EBAPE.BR**, Rio de Janeiro v. 9, Edição Especial, 2011.

ZILIOTTO, D.M; BERTI, A.R. A aprendizagem do aluno inserido em empresa júnior. **Revista Conexão UEPG**, Paraná v. 8, n. 2, pp. 210-217 jul./dez. 2012.